

As marchas de 2013 em Belém do Pará: aspectos da ação coletiva local

The 2013 marches in Belém do Pará: aspects of local collective action

◆ Bárbara Lou da Costa Veloso Dias; Allyne Melo; Isadora Ribeiro

RESUMO

O presente artigo procura analisar as manifestações ocorridas em Junho de 2013 em Belém do Pará, a partir de dados obtidos por meio dos três principais jornais locais. Simultaneamente, buscamos comparar nossos achados com os encontrados por outros pesquisadores que investigaram o mesmo fenômeno em outras capitais brasileiras, como: Belo Horizonte, São Paulo, Goiânia e Teresina. Nós acreditamos que o ciclo de protestos de 2013 revelou uma mudança nas formas de realização das manifestações políticas, seja no protagonismo pulverizado de atores, seja na forma como os protestos eram organizados. Há uma intensa emergência de formas personalistas e subjetivistas de mobilização da ação coletiva e de fortalecimento do capitalismo cognitivo, através de novas tecnologias da comunicação e informação.

Palavras-chave

Junho 2013, ação coletiva, subjetivismo, comunicação, protestos.

ABSTRACT

The present article seeks to analyze the demonstrations that occurred in June 2013 in Belém do Pará, based on data obtained through the three main local newspapers. Simultaneously, we seek to compare our findings with those found by other researchers who investigated the same phenomenon in other Brazilian capitals, such as: Belo Horizonte, São Paulo, Goiânia and Teresina. We believe that the 2013 cycle of protests revealed a change in the ways in which demonstrations were carried out, whether in the pulverized protagonism of actors, or in the way protests were organized. There is an intense emergence of personalist and subjectivist forms of mobilizing collective action and of strengthening cognitive capitalism, through new communication and information technologies.

Keywords

June 2013, collective action, subjectivism, communication, protests

Introdução

Depois de dez anos, parece que o único consenso sobre as Jornadas de junho é o que caracteriza sua multiplicidade, assim como historicamente ter se tornado um marco de inflexão da vida política brasileira. No presente artigo, procuramos observar as jornadas de junho de 2013 realizadas na cidade de Belém do Pará a partir de dados obtidos por meio dos principais jornais locais. E, ao mesmo tempo, buscamos comparar nossos achados com os encontrados por outros autores em outras capitais brasileiras, como: Belo Horizonte, São Paulo, Goiânia e Teresina.

Desse modo, construímos o banco de dados sobre Junho de 2013 em Belém do Pará a partir da tipologia e variáveis das análises realizadas em outras capitais, especialmente São Paulo e Belo Horizonte. Em razão dos objetivos do presente artigo, enfatizamos os dados de Forma e Conteúdo (a quantidade de pessoas, lugares, associações, coletivos e movimentos) e Identidade e Representação (motivações, demandas, símbolos, bandeiras, frases).

O ciclo de protestos de 2013 revelou uma mudança nas formas de realização das manifestações, seja no protagonismo pulverizado de atores, seja na forma como os protestos eram organizados. Assim, de acordo com Tarrow (2009), “O resultado era possibilitar que até mesmo grupos espalhados de pessoas que não se conheciam agissem conjuntamente em desafios sustentados a autoridades e criassem o movimento social moderno” (TARROW, 2009, p. 59). Desse modo, observamos que tal ciclo produziu a identificação com determinadas demandas e significantes que constituíram novas formas de representação social, assumidas a posteriori.

Muitos pesquisadores chamam a atenção para o processo de engajamento individualizado e personalizado presente nas Jornadas de Junho, assim como a forma de protestos que buscavam a autoexpressão e autovalidação pessoal e individualizada. Para Jodi Dean (2016), há uma emergência em todos esses movimentos que vão da Primavera Árabe ao *Occupy*, de formas personalistas e subjetivistas de mobilização da ação coletiva e de fortalecimento do capitalismo cognitivo, através de novas tecnologias da comunicação e informação e produção de conteúdo personalizado ao vivo e a convocação difusa das redes sociais por redes sociais digitais.

Outros autores (BENNETT; SEGERBERG, 2013) trabalham com a possibilidade de ação conectiva. De acordo com eles, “nessa lógica conectiva comunicacional, engajar-se em uma ação pública ou contribuir para uma causa comum se torna um ato de expressão pessoal e de reconhecimento, realizado por meio de compartilhamento de ideias e ações em redes de relações de confiança” (BENNETT; SEGERBERG, 2013, pp. 752-753). Isso não significa para esses autores que as estruturas mais tradicionais e verticalizadas de ação coletiva tenham sido extintas, mas que

elas existem paralelamente à lógica conectiva e que ambas as lógicas podem se imbricar em configurações híbridas.

Essas configurações híbridas, inclusive, são características de cismogênese, que, explicados por Gregory Bateson (2018, p. 175), são processos de diferenciação entre os indivíduos baseados em normas de comportamento que podem produzir tanto oposições quanto convergências, a partir de uma escalada de conflitos e de suas conseqüentes divisões reforçadas por conflitos já existentes ou criados a partir de novos conflitos. O que os dados indicam é que as Jornadas de Junho de 2013 parecem ter produzido processos de cismogênese com modelagens específicas de polarizações e personificações dos significantes tornados centrais durante o processo político.

Esse processo aparece em diversas entrevistas realizadas nas capitais brasileiras. Nesse sentido, nos trabalhos estudados (MENDONÇA, 2019; FIGUEIREDO, 2019; DOMINGUES, 2019), aparecem repetidas falas que envolvem a crença de que os movimentos políticos não eram organizados por ninguém em especial, crenças de que agora o Brasil teria acordado e o povo também. E que sobre esse acordar não existiria mais controle político ou institucional possível. Aparecem também a abundância comunicativa de diversas redes sociais e a busca narcísica de sentido para o processo de reconhecimento social. Como descreve Mendonça (2019), os sujeitos se sentem diante de um furacão que arrasta atores (individuais e coletivos) e são fagocitados por esse furacão.

Parece fenomenicamente que Junho de 2013 tem uma multiplicidade de significados. É por isso que, no presente artigo, não nos limitamos a um único termo para nos referirmos a Junho de 2013. Nesse acervo de sinônimos, estão: Jornadas de Junho, Junho de 2013, Ciclo de protestos, Manifestações, Marchas, Furacão de 2013. A utilização das diversas expressões tem o intuito de mostrar a diversidade e a intensidade da produção de significantes no fenômeno.

Em Belém, as convocações foram, majoritariamente, realizadas através das redes sociais, os jornais mencionavam especificamente o Facebook, situação semelhante à descrita em Goiânia (TAVARES ET AL, 2016). O que também é interessante mencionar é que os jornais da cidade de Belém divulgavam o dia e local em que ocorreriam as manifestações e se referiam aos protestos como “movimentos das redes sociais”. Para Domingues (2019), a partir do caso belo-horizontino, os protestos podem ser definidos como uma agregação difusa de indivíduos e coletivos que formavam grupos opostos ou que se uniam temporariamente através das redes sociais.

Nunes (2022) observou algumas semelhanças em comum de Junho de 2013 no Brasil com os protestos globais, fatores como a composição social majoritariamente jovem e urbana: “no compartilhamento de signos, palavras de ordem e repertórios de ação; na importância da dimensão tecnopolítica na convocação, coordenação e viralização das manifestações” (NUNES, 2022, p. 153).

Também se ressalta a reivindicação de autonomia política e antipartidária dos grupos e a velocidade na qual as informações sobre os protestos ocorriam, o que, mais uma vez, denota a característica de um capitalismo cognitivo (DEAN, 2016).

Metodologia

Face à ausência de dados sobre os protestos de Junho na capital paraense, construímos um banco a partir dos jornais locais sobre as marchas de 2013. Foram analisadas 43 edições dos jornais impressos da cidade de Belém do Pará: Amazônia, Diário do Pará e O Liberal, em um intervalo de tempo de 16 de junho a 30 de junho de 2013, totalizando 69 matérias jornalísticas. O banco de dados foi construído a partir de 10 categorias, separadas em duas abordagens norteadoras para a produção de um diagnóstico sobre o significado das Jornadas de Junho de 2013.

A primeira abordagem dos dados buscou compreender a forma e o conteúdo das manifestações ocorridas em Junho de 2013 na cidade de Belém com o intuito de reconstruir as mudanças ocorridas na forma da ação coletiva, o aumento do protagonismo pessoal e formas comunicativas do capitalismo digital (MENDONÇA; FIGUEIREDO, 2019). A partir dos resultados, parece fazer sentido falar que 2013 contribuiu, significativamente, para o que Cesarino chama de crise do sistema de peritos (CESARINO, 2022) e a emergência de formas personalistas e subjetivistas de mobilização coletiva e de fortalecimento do capitalismo cognitivo (DEAN, 2016) através de novas tecnologias da comunicação e informação, a produção de conteúdo personalizado e a convocação difusa dos protestos por redes sociais digitais.

Quanto à segunda abordagem, a questão da identidade e da representação geográfico-urbana, com demandas e anseios específicos de locais da cidade marcam a propulsão das demandas coletivas. Se, no início das marchas, a inquietação política está diretamente relacionada às condições do transporte público da cidade de Belém e à obra atrasada do Bus Rapid Transit (BRT), aos poucos, essas demandas e suas representações vão migrando para a produção de outros significantes e identidades políticas, confirmando algumas suspeitas de Laclau (2013) quanto à capacidade volátil das mudanças de sentidos dentro dos mesmos *significantes vazios*.

Quadro 1 – Classificação das categorias analisadas a partir dos dois enquadramentos escolhidos

Forma e Conteúdo	Identidade e Representação
Quantidade de pessoas	Motivações
Lugares de protestos	Demandas
Associações	Símbolos
Coletivos	Bandeiras
Movimentos	Frases

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir das fontes acima citadas.

O Quadro 1 mostra que, para a primeira abordagem (forma e conteúdo), foram analisados os dados a partir das categorias: quantidade de pessoas, lugares, associações, coletivos e movimentos. E, na segunda abordagem (identidade e representação), foram analisados os dados a partir de: motivações, demandas, símbolos, bandeiras, frases.

Ressalta-se que os veículos de comunicação impressos utilizados como fonte de dados para o presente artigo possuem uma linha editorial fortemente tradicional e politicamente conservadora (MARQUES ET AL, 2016). O Diário do Pará teve sua primeira edição publicada em agosto de 1982 e pertence ao grupo RBA de comunicação, administrado pela família Barbalho. E o grupo O Liberal é responsável pelos veículos de comunicação Amazônia e O Liberal, de propriedade da Família Maiorana, teve suas primeiras publicações oficiais em parceria com a Rede Globo de Comunicação no período da ditadura civil-militar brasileira.

Resultados

Quantidade de pessoas e lugares de protestos

Para compreender a variação na concentração de pessoas em espaços distintos, a pesquisa buscou investigar quais as manifestações e localização geográfica que continham maior participação numérica, inclusive quando ocorriam protestos simultâneos ou no mesmo dia.

Quanto à quantidade de manifestantes conforme o dia dos protestos, as informações eram fornecidas pela Polícia Militar e pelos organizadores dos protestos. Frequentemente, existem divergências quanto à quantidade de pessoas em protestos entre as fontes que informam, mesmo entre os jornais analisados. Então, produzimos uma tabela com um número aproximado do que seria um consenso entre os três jornais.

Tabela 1 – Número de pessoas que participaram das manifestações de Junho de 2013 em Belém (PA), segundo as informações disponibilizadas pelos jornais Amazônia, Diário do Pará e O Liberal.

Data	Nº de Pessoas
16 de junho de 2013	Não informado
17 de junho de 2013	13.000/20.000
20 de junho de 2013	120
20 de junho de 2013	12.000/25.000
22 de junho de 2013	3.000/5.000
24 de junho de 2013	3.000/5.000
25 de junho de 2013	50
26 de junho de 2013	40
26 de junho de 2013	3.000/4.500
27 de junho de 2013	300
28 de junho de 2013	200
29 de junho de 2013	Não informado

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir dos jornais Amazônia, Diário do Pará e O Liberal.

Na tabela 1, observamos que foi noticiada durante 10 dias a ocorrência de protestos na cidade de Belém. O protesto do dia 17 é considerado inaugural dos atos na cidade, que são mobilizados a partir dos atos nacionais, e foram exatamente estes que tiveram maior quantidade de pessoas. Nos outros dias, notou-se a descentralização quanto aos locais escolhidos para as manifestações, como é o caso dos dias 20, 25, 26, 27 e 28 de junho. É interessante notar que nesses dias a participação nos protestos foi menor em comparação aos outros dias de manifestações.

Quanto ao percurso das manifestações, foi possível coletar informações sobre todas as manifestações que aconteceram na cidade de Belém no período investigado, foram 10 dias de manifestações, tendo o dia 20 e 26 dois protestos relatados. O quadro a seguir expõe o caminho que os manifestantes fizeram no total dos dias de protestos, nas 13 manifestações investigadas no mês de junho, sendo que em 1 não foi informado se houve percurso definido.

Quadro 2 – Lugares de protestos

Lugares de protestos
Av. Augusto Montenegro
Av. Almirante Barroso
Av. Presidente Vargas
Av. Bernardo Sayão – Av. José Bonifácio
Diversos pontos da cidade – Praça da República
Diversos pontos do bairro Pedreira
Praça da República – Ministério Público do Pará
Praça da República – Prefeitura de Belém
Paróquia de São Domingos Gusmão – UBS do bairro Montese (Terra Firme)
Praça Eneida de Moraes – Hospital Santa Casa da Misericórdia do Pará
Praça Santuário – Prefeitura de Belém – Assembleia Legislativa do Estado do Pará (ALEPA)
Prefeitura de Belém
Pronto Socorro Mário Pinotti – Hospital Santa Casa da Misericórdia do Pará
São Brás – Entroncamento
São Brás – Prefeitura de Belém
Secretaria de Estado de Educação (Seduc)

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir dos jornais Amazônia, Diário do Pará e O Liberal.

No Quadro 2, os lugares de protestos se referem ao percurso das manifestações, no qual estão descritos os pontos de partida e chegada ou somente o ponto de concentração dos protestos. Para explicar esse quadro, é preciso fazer uma breve descrição da cidade de Belém e de seus aspectos geográficos. A região metropolitana de Belém (RMB) se constitui a partir de sete cidades (Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Bárbara do Pará, Santa Izabel do Pará e Castanhal). A região central, econômica e espacialmente, está no território da cidade de Belém, entretanto, existe uma migração pendular diária entre os indivíduos que constituem a RMB, por isso, elas são classificadas como um espaço integrado (MENDES, 2018).

Os protestos analisados foram protagonizados na cidade de Belém e, em sua grande maioria, na área nobre da cidade (bairros como Nazaré, Reduto, Campina, Cidade Velha), essas manifestações foram as que tiveram maior incidência de pessoas. Assim, as manifestações não se realizaram, majoritariamente, na periferia da cidade, e sim no centro, onde se concentra maior riqueza econômica e social de Belém. Aconteceram manifestações que fugiram dessa característica. A primeira, que ocorreu em Junho de 2013, teve como ponto de partida a Almirante Barroso – avenida de Belém que é a principal via de acesso à BR-316, única saída de Belém por rodovia para

outras cidades – onde o final foi o entroncamento, no início da Augusto Montenegro, a via de acesso ao maior distrito de Belém, Icoaraci. É importante destacar também os protestos (menores) que ocorreram nos bairros Guamá, Pedreira e da Terra Firme – bairros da “periferia” da cidade de Belém – assim como, os protestos em órgãos públicos do Estado e/ou da Prefeitura: Ministério Público do Pará, Prefeitura de Belém, Hospital Santa Casa da Misericórdia do Pará, Assembleia Legislativa do Estado do Pará (ALEPA), e, por último, Secretaria de Estado de Educação (Seduc).

Nas entrevistas realizadas por Domingues (2019) em Belo Horizonte, evidenciaram-se alguns padrões entre os participantes: a maioria era jovem, informava-se majoritariamente através da internet/Facebook, apresentava alta escolaridade e renda abaixo da renda média da cidade e havia participado pelo menos de uma manifestação. Assim, segundo Domingues, participaram dos ciclos de protestos globais, majoritariamente os trabalhadores e pessoas dependentes dos serviços públicos de educação e saúde, ou seja, “o precariado social, jovem, desempregado, ou apenas empregado em tempo parcial, sem proteção e, frequentemente, com boa educação” (DELLA PORTA, 2015, p. 16).

Em Belém, como já ressaltado, somente a primeira manifestação foi realizada fora do centro urbano de Belém, região onde há maior concentração de renda. Então, geograficamente, as manifestações não ocorreram na periferia da cidade. O que traz para a discussão alguns indícios das pessoas que participavam desses protestos, não sendo necessariamente as pessoas de classe alta, mas pessoas que podiam circular no centro nobre da cidade sem passar por abordagens mais agressivas da polícia.

Associações (grupos organizados em junho de 2013)

As associações trabalhistas, Partidos e Sindicatos identificados que participaram das manifestações foram: Associação dos Concursados do Pará (Asconpa); Associação dos Servidores da Saúde no Município de Belém (Assesmub); Organizações sociais dos direitos humanos e cidadania; Fórum Paraense de Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção do Adolescente Trabalhador (FPETIPA); Representantes das associações ligadas ao Ministério Público; Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil; Sindicato dos Urbanitários do Pará. Também são mencionados nas matérias, de forma indireta, atores ligados a organizações/instituições/associações: advogados e promotores filiados à OAB; servidores públicos do Pronto Socorro Mário Pinotti; servidores públicos da Santa Casa de Misericórdia do Pará; servidores públicos da Fundação de Atendimento Socioeducativo do Pará (Fasepa); concursados e trabalhadores da construção civil; moradores do bairro Guamá; moradores do bairro Montese (Terra Firme).

Esses grupos fizeram majoritariamente parte dos protestos considerados numericamente

menores e pareciam trazer demandas mais delimitadas e localizadas às questões locais e regionais. Como, por exemplo, reivindicações para soluções de problemas específicos em hospitais, escolas públicas e bairros situados na periferia de Belém, com exceção dos grupos relacionados à OAB, que reivindicavam pautas nacionais e, em alguns momentos, era perceptível um diálogo com as pautas amplas, que mobilizaram os significantes vazios (LACLAU, 2013) dos grandes atos contra a corrupção e em defesa de um certo patriotismo.

Os protestos com a presença de associações foram caracterizados por serem realizados em espaços simbólicos das categorias representadas. No repertório de ações coletivas, estavam greves e marchas específicas com concentrações de manifestantes em frente a instituições públicas, como no caso do Sindicato dos Urbanitários. E quando essas manifestações eram referentes a organizações sociais e fóruns, organizavam ações de conscientização como passeatas para fins pedagógicos em regiões centrais da cidade de Belém. Exemplo disso é a manifestação¹ em que servidores do Ministério Público do Pará se juntaram em um ato com organizações da sociedade civil em defesa dos poderes referentes ao Ministério Público contra a PEC 37/11, com relação à restrição de competências deste em investigar, criminalmente, as Polícias Federais e Cíveis.

Esses atos das organizações formais também tinham como característica demandas construídas de forma delimitada, para reivindicar resoluções de problemas específicos às suas categorias e esses manifestantes agiram de forma ordenada, em contraste com as organizações ou movimentos de coletivos políticos e de grupos independentes. No entanto, eram protestos com menor adesão e que ocorriam por vezes simultaneamente a outros protestos ou a reuniões dos grandes protestos que marcaram Junho de 2013 em Belém.

É importante ressaltar que os grupos compostos por associações e categorias sindicais, embora tivessem demandas mais localizadas e específicas, partilhavam do mesmo repertório de ação. Isso denota que os protestos de 2013 revelaram uma nova gramática cultural de tradução das demandas que revela um deslocamento político da fonte gramatical de tradução de protestos (BRINGEL; PLEYERS, 2015, p. 08). Se antes essa produção era realizada por sindicatos, partidos políticos e determinados movimentos sociais (principalmente o estudantil), isso não é mais observado na produção de repertório de ação dos protestos de 2013. Há, nesse sentido, um deslocamento de “instâncias centrais da socialização militante” (BRINGEL; PLEYERS, 2015, p. 14). Por isso, essas mobilizações passaram a ser guiadas de forma multilateral e reproduzidas de forma viral com o uso de tecnologias da informação, que aproxima o “cidadão comum da vida política, provocando uma mudança societária e cultural” (BRINGEL; PLEYERS, 2015, p. 15).

¹ MP faz manifestação contra PEC 37. Diário do Pará, Belém-PA, 17 de junho de 2013. Acesso em 31 de janeiro de 2022.



Coletivos e movimentos

Também fizeram parte das Marchas de 2013: o Movimento Xingu Vivo para Sempre (MXVPS); Assembléia Nacional dos Estudantes (Anel); coletivo político Contraponto; Coletivo Fora do Eixo; coletivo Vamos à Luta; Movimento LGBTQIA+; Liga Operária Anarquista; Movimento Estudantil; Movimento Belém Livre; Movimento Foco Belém; Movimento Mulheres em Luta (MML). Os jornais enfatizaram a presença de grupos como estudantes de direito da UFPA; estudantes universitários de diversas áreas da saúde; estudantes secundaristas; professores de ensino básico; crianças de Belém e outros municípios do Pará; “movimentos das redes sociais”, “diversos movimentos sociais” e pessoas “apartidárias” (independentes, sem filiação partidária ou que não são próximas de movimentos sociais).

Já esses grupos têm destaque por majoritariamente fazerem parte dos grandes protestos que tiveram maior visibilidade não só pela grande quantidade de pessoas, mas por reunirem pautas, símbolos e demandas semelhantes aos grandes protestos que estavam ocorrendo em outras cidades do Brasil, como São Paulo. Esses atos tiveram como marca pautas difusas que traziam elementos de melhoria da cidade, demandas relacionadas a gênero e sexualidade, pautas pouco delimitadas sobre melhoria na educação, saúde, segurança e, principalmente, transporte. O Movimento Belém Livre, que surgiu nesse período, teve protagonismo nesses protestos por criar um espaço para a discussão do transporte na cidade, falava sobre diminuição da tarifa e até em passe livre, abrindo o diálogo com outros coletivos e congregando diversos indivíduos que ainda não possuíam contato com a vivência em movimentos sociais e as táticas de ação, espaço que favorece a diversidade de demandas.

Deve-se ressaltar que o Movimento Belém Livre enfatizava a necessidade de horizontalidade política, sem imposição de hierarquias. Essa pauta era constante no contexto dos movimentos de 2013, momento em que a participação de novos atores políticos era reivindicada e a posição de poder dos partidos e instituições políticas formais era questionada (PEREZ, 2019, p. 579).

Assim como observamos que os coletivos políticos que se organizavam apresentavam-se como espontâneos e antissistema político. Como se a democracia não pudesse ser mais realizada a partir dos atores institucionais clássicos do sistema representativo. O que nos revelou uma lógica de equivalências (LACLAU, 2013) que repertoriou a ação coletiva dos protestos de 2013 em torno da negação de todo sistema de representação político. Dessa forma, o antagonismo aparecia unificado contra a própria Política Moderna.

Para Nunes (2022), essa lógica de equivalências já possibilitava a cooptação dos protestos pela direita, pois a ideia de “pós-política” parece ter se integrado como parte dos protestos desde o início. Visto que ao mesmo tempo em que eram reivindicadas novas formas de participação política,

negava-se a legitimidade da própria política.

Os protestos de Junho de 2013 em Belém traziam de maneira emblemática a negação do sistema político no uso imagético de fantasia e pinturas de palhaço, assim como frases que acusavam todo o sistema político de corrupção e falta de representatividade. O caso mais curioso dessa tática ocorreu em um protesto sobre uma Unidade Básica de Saúde², pois, quando os moradores encontraram um rato morto na unidade, resolveram protestar caracterizados com elementos que remetiam ao rato, além de saírem em cortejo fúnebre com o corpo do rato em um caixão. Toda essa construção imagética era ritualizada dentro dos grandes protestos que ocorreram no centro urbano de Belém, mas também estava na periferia da cidade.

Isso é mais um dado que nos faz perceber que havia uma correlação prática e simbólica na forma como os protestos foram organizados e mobilizados. E parece refletir os aspectos nacionais e globais de uma marcação de “ressonância de movimentos e de subjetividades, bem como dinâmicas de difusão e de retroalimentação” (BRINGEL; PLEYERS, 2015, p. 07).

Geografia, Identidade e Representação dos protestos em Belém

As categorias que serão descritas a seguir estão relacionadas com a segunda abordagem proposta na metodologia da pesquisa produzida. Nesta, Junho de 2013 aparece como um fenômeno que associa o caráter político-social urbano e local com ressonância de movimentos nacionais e globais. As motivações, demandas, símbolos, bandeiras, frases e produção de Identidade e Representação revelam essa peculiaridade fenomênica de Junho de 2013.

Motivações e Demandas

A “Motivação” diz respeito à inspiração, sentimento que leva a escolhas, como ir às ruas protestar, possuindo um caráter individual. No que diz respeito às motivações, assume-se uma diferenciação em três agrupamentos: motivações relacionadas às motivações consolidadas pela literatura definidas como nacionais (TATAGIBA; GALVÃO, 2019), motivações definidas como locais (PEREZ, 2019) e, por fim, motivações associadas diretamente aos protestos e em decorrência dos protestos de Belém. As motivações das primeiras manifestações foram inspiradas nos protestos nacionais, enfaticamente nas frases que apontavam a necessidade da população “acordar”, o descaso do Governo e a crítica ao sistema político, considerado corrupto.

² Ato do rato: Manifestantes usando o bom humor para protestar. Diário do Pará, Belém-PA, 26 de junho de 2013. A5. Acesso em 31 de janeiro de 2022.

As motivações interpretadas como locais estão divididas em 4 eixos: saúde, educação, questionamento da gestão Estadual e Municipal, e, por fim, de movimentos sociais locais e suas indignações. Quanto à saúde, eram as seguintes: problemas e demandas não atendidos na saúde, condições precárias de saúde em UBS e falta de insumos para a saúde, como medicamentos, número insuficiente de funcionários e excesso de demandas. No que diz respeito à educação, as principais motivações eram: educação, segurança e condições precárias das instalações das escolas. Os questionamentos da gestão estadual e municipal permeiam as seguintes indagações: demissões operadas em massa pela empresa Equatorial Energia, má gestão dos resíduos sólidos, falta de pagamento do adicional de periculosidade, alagamentos; falta de iluminação, obras públicas inacabadas e denúncia do descaso da prefeitura com as demandas dos protestos. Vale ressaltar que os Movimentos Sociais locais enfatizaram demandas por direitos de sexualidade e de liberdade de gênero, assim como a defesa de direitos da criança e do adolescente.

As motivações mais específicas no contexto do ciclo de protestos em Belém foram: insatisfação com o aumento da passagem de ônibus, transtornos causados pela obra não finalizada do BRT, dificuldades em relação ao transporte público, protestos contra o vandalismo e depredação de prédios públicos, realizados durante as próprias manifestações e contra a violência policial com os manifestantes.

Com relação à categoria “Demanda”, compreendemos que essa deve ser entendida como expressão de escolhas tomadas pelos agentes no desdobramento dos protestos. Com a transformação de exigências e propostas, construídas coletivamente, que se tornam compartilhadas e que também produzem identidades durante esse processo político. As demandas são fruto de uma construção social envolvendo a população que participa do fenômeno (LACLAU, 2013). Elas se apresentam como articulação de pedidos que têm sua trajetória de satisfação ou aumento de insatisfação. Os movimentos de Junho de 2013 são uma demonstração de como as demandas foram se encadeando e se acumulando pedidos de nível local, regional, nacional e global (BRINGEL; PLEYERS, 2015). Ao analisar os protestos de Junho de 2013 em Belém do Pará, separamos em demandas nacionais e demandas locais.

As demandas que consideramos nacionais são aquelas que se repetem nos protestos em nível nacional e que são descritas pelas pesquisas realizadas sobre outras cidades³ em comparação a Belém. As mais encontradas em nossa análise foram: a necessidade de paralisação das obras de

³ DOMINGUES, L. B. Junho de 2013: atores, práticas e gramáticas em Belo Horizonte. Dissertação. UFMG, Belo Horizonte, 2019. PEREZ, O. C. Relações entre coletivos com as Jornadas de Junho. Opinião Pública, Campinas, 2019. TATAGIBA, L; GALVÃO, A. Os protestos no Brasil em tempos de crise (2011-2016). Opinião Pública, Campinas, 2019. TAVARES, F. M. M; RORIZ, J. H. R; OLIVEIRA, I. C. As jornadas de maio em Goiânia: para além de uma visão sudestecêntrica do Junho brasileiro em 2013. Opinião Pública. 2016.

construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte; a necessidade de aplicação de 10% do PIB em investimento em educação pública; o fim da corrupção; a não aprovação da PEC 37/11 (que impediria o MP de investigar criminalmente); o combate à violência contra a mulher; a conscientização sobre o trabalho infantil; a não aprovação do “Estatuto do Nascituro”; a defesa dos direitos de pessoas LBTQIA+; o veto ao Projeto de Lei 286/13 (“Ato médico”); o fim do monopólio das comunicações; a diminuição do desemprego e a necessidade de reajustes salariais e melhores condições de trabalho na área da saúde.

No que diz respeito a demandas locais no contexto do ciclo de protestos, encontram-se poucas investigações que fogem do eixo sul-sudeste (PEREZ, 2021), e, por isso, é importante destacar o que foi pautado em Belém no que diz respeito ao contexto local. Salientam-se, então, as seguintes demandas locais de Belém: a retomada de obras públicas (BRT, macrodrenagem, duplicação de vias); a aceleração e transparência na execução das obras do BRT; melhoria do transporte coletivo, a redução e congelamento da tarifa de ônibus; passe livre para estudantes e desempregados; o fim do vale digital e retorno do vale-transporte; a melhor gestão de resíduos sólidos; a reforma das escolas e a destinação de 25% da receita do município para a educação à prefeitura.

Símbolos, bandeiras e frases

Esses elementos foram importantes para observar a performance e as múltiplas formas de discurso exploradas para representar a indignação e objetivos reivindicatórios. Antes de descrever os principais dados coletados dos jornais impressos locais da cidade de Belém, é primordial que se explique sobre Identidade e Representação. É praticamente um consenso nas pesquisas realizadas sobre Junho de 2013 que os atores-participantes construíram sua identidade durante os próprios protestos, mas de modo multifacetado (PEREZ, 2021).

A identidade social expressa coletivamente nas Jornadas de Junho em Belém não era uniforme, mas estava mais próxima de um mosaico de identificações, na tentativa de compreendê-la foram elaboradas as seguintes categorias: símbolos, bandeiras e frases. Os símbolos mais evidenciados durante a análise foram: pinturas faciais; apitos; narizes e fantasias de palhaço; camisas do Brasil, camisas brancas e camisas confeccionadas para os protestos; bandanas usadas como máscaras; jalecos; uniformes de escola; catavento representando a infância; caixão ilustrativo para um rato; cortejo fúnebre satírico; fotos, orelhas, máscaras, camisas e cartazes que remetiam a um rato e ao descaso com a saúde pública; tenda para conscientizar contra a PEC 37; abraço simbólico em um hospital. Em relação às bandeiras, as mais presentes foram: bandeiras do Brasil e

do estado do Pará, bandeiras do movimento anarquista, do movimento LGBTQIA+ e de partidos de esquerda como o PSOL (apesar da recomendação das organizações dos protestos para que se mantivessem as manifestações apartidárias).

Assim como as principais frases proferidas pelos manifestantes no contexto investigado – por meio de entrevistas realizadas pelos jornais e cartazes exibidos nas matérias – foram: “não é só pelos 20 centavos, é pelo fim da corrupção” (frase que se repetiu com algumas variações); “fora ladrão, você não me representa”; “o povo não é bobo, abaixo a rede Globo”; “não foi por um partido, foi por todos nós”; “sem bandeira!”; “os verdadeiros vândalos estão no poder, o Brasil acordou”; “sem movimentos sociais”; “não é porque somos contra os partidos [...] não queremos que eles controlem o movimento”; “vadias somos nós, nossa força e nossa voz” (durante a “Marcha das Vadias”), “não à PEC-37” (durante a manifestação em frente ao Ministério Público do Pará) e também era comum que cantassem o hino nacional ao longo das manifestações analisadas.

Notamos que, apesar de as máscaras serem utilizadas durante as manifestações sem relação, majoritariamente, com atos de conflito direto, em um momento específico do único protesto⁴ onde a violência se destacou, o uso de máscaras que fizeram alusão ao “V de vingança” remeteram à característica de anonimato que favorece os atos de depredação ao patrimônio privado e público, assim replicando táticas globais de conflito direto durante os protestos (DOMINGUES, 2019).

Assim, é pertinente mencionar a contribuição dos estudos de Alonso (2017). A pesquisadora mapeou três repertórios relevantes para pensar esses protestos no cenário nacional. O repertório “socialista”, como aquele que está presente na esquerda brasileira desde o período de redemocratização, com bandeiras partidárias/movimentos sociais, priorizando organizações mais verticais; enquanto o repertório “patriótico” é caracterizado pelo nacionalismo e discurso anticorrupção, além da estética verde e amarelo com símbolos que remetem às “Diretas Já” e ao “Fora Color”. Por fim, o repertório “autonomista”, que é considerado novidade, está relacionado a grupos “libertários” com críticas ao poder e ao Estado, que utilizam táticas de confronto direto, com propostas de novos estilos de vida e organizações mais horizontais (ALONSO, 2017, pp. 49-50).

Nesse sentido, os protestos de Junho de 2013, embora citassem diretamente a demanda reclamada, denotavam que o problema que as manifestações denunciavam não se tratava necessariamente de problemas oriundos de uma crise econômica aguda e de supressão de direitos, mas que ambos os espectros políticos se encontravam no antigovernismo, que poderia ser traduzido no antipetismo a posteriori. Era uma crise que se encontrava, em alguma medida, na representatividade política e na discussão sobre o que ela deveria significar, era reivindicada uma

⁴ Grupo isolado iniciou confusão, diz testemunha. Diário do Pará, Belém-PA, 22 de junho de 2013. A6. Acesso em 31 de janeiro de 2022.



identidade que não poderia ser aquela representada por partidos e movimentos sociais centralizados em suas diretrizes e forma de ação tradicional, que já pareciam ultrapassadas e fadadas à cooptação pelos novos movimentos políticos. Dessa forma, é perceptível o vínculo desses protestos com os outros ocorridos no cenário global, os quais expressavam uma indignação generalizada e eram marcados pela “rejeição aos sistemas políticos, aos partidos tradicionais e às formas convencionais de organização política” (PEREZ, 2019, p. 586).

Nunes (2022) argumenta que a falta de unificação de demandas por parte dos movimentos progressistas em Junho de 2013, permitiram que as demandas expressadas nas manifestações fossem permeáveis a estratégias e táticas da extrema-direita, que exploraram as ambiguidades e vagezas dos significantes que compunham as manifestações das Jornadas de Junho de 2013. Mais adiante, a extrema-direita pôde unificar-se com a criação do significante: antipetismo, que foi alimentado e traduzido como sinônimo de luta contra a corrupção e como nova forma de revolução política conservadora (TATAGIBA; GALVÃO, 2019, p. 87).

Informações não encontradas nos jornais

Os dados referentes à raça, ao gênero, à classe social e à escolaridade não eram mencionados nos jornais. Assim como as manifestações da Marcha do Orgulho LGBTQIA+ e da Marcha das Vadias foram publicadas em apenas um jornal sem muito detalhamento, revelando certo distanciamento dos jornais com esses temas.

A repressão policial não foi enfatizada nas notícias dos jornais, mas sim sua maneira pacífica de atuação. Inclusive, essa maneira pacífica de atuação da polícia nos protestos foi encontrada somente em Belém do Pará. Nas outras capitais brasileiras, foram descritos processos de intensa repressão policial, inclusive, sobre os estudantes universitários. Em entrevista ao jornal Amazônia, após o primeiro protesto⁵ – o qual foi o maior em relação aos outros dias –, os manifestantes enfatizaram que a polícia acompanhou o protesto de forma pacífica sem haver nenhuma violência durante o percurso.

Em entrevista ao jornal paraense⁶, alguns policiais também são entrevistados e falam que o comportamento dos manifestantes foi pacífico e exemplar. O texto destaca que os manifestantes cantaram o hino nacional e cumprimentaram os policiais no final do ato. O jornal traz uma foto da manifestação, evidenciando um cartaz com a seguinte frase: "os verdadeiros vândalos estão no

⁵ Segue a onda do país: hino nacional cantado no final do ato. Amazônia, Belém-PA, 18 de junho de 2013. Acesso em 31 de janeiro de 2022.

⁶ Ibidem. Amazônia, Belém-PA, 18 de junho de 2013. Acesso em 31 de janeiro de 2022.

poder, o Brasil acordou”. Na matéria, vários manifestantes falam que é possível perceber o sentimento de otimismo compartilhado frente a novas formas de participação política presente nas manifestações nacionais. Há também o reforço do sentimento de insatisfação e de indignação com a situação política e social do país, além da menção a novos pertencimentos políticos.

Em outro grande protesto⁷, os jornais mencionam um episódio de violência realizado por um grupo isolado, que divergia do clima geral dos protestos pacíficos. Nesse episódio, justifica-se a violência policial exercida sobre esse grupo, sob o argumento de que eles atiravam pedras e outros objetos nos policiais, o que os obrigou a lançar gás lacrimogêneo nos manifestantes. Para Bringel e Pleyers (2015), há um novo tipo de ativismo social evidenciado nas Marchas de Junho de 2013. Esses episódios trazem novos elementos de conflitualidade que já estão presentes em movimentos de uma nova “geopolítica da indignação global” (BRINGEL; PLEYERS, 2015), onde há forte espaço de disputa de representação da própria política. Dessa forma, esses conflitos extrapolaram a política institucional com a participação ativa de pessoas comuns, que, em muitos casos, participavam pela primeira vez de um protesto.

Considerações finais

Observamos que Junho de 2013 está inserido no contexto global dos protestos que se iniciam em 2009 e que trazem um novo conjunto repertorial de ação coletiva. São características desse período novas formas de ação coletiva que enfatizam a subjetividade e modos personalizados de engajamento político. Junho de 2013 também se destaca pela unificação das demandas em torno de significantes que revelam a negação do sistema político e sua institucionalidade em partidos, sindicatos e movimentos sociais considerados hierarquicamente verticalizados (DOMINGUES, 2019).

Somado a isso, notamos que os protestos de 2013 ofereceram formas repertoriais de ação de diferentes combinações com ênfase nos elementos autonomistas (ALONSO, 2017). E acentuaram uma conflituosidade que já existia entre campos políticos distintos, ao trazer novos atores e demandas que refletiam as dinâmicas globais nas formas de ação coletiva.

O que também pareceu significativo de Junho de 2013 foi a crítica combinada do sistema político representativo com a associação da tecnologia das redes sociais. Com a combinação desses dois elementos, novas identidades e subjetividades surgem no campo político e estas se supõem mais horizontais e representativas. As identidades e subjetividades não poderiam mais ser forjadas em movimentos sociais centralizados e verticalizados, que tinham suas formas de ação consideradas

⁷ Grupo isolado iniciou confusão, diz testemunha. Diário do Pará, Belém-PA, 22 de junho de 2013. A6. Acesso em 31 de janeiro de 2022.



atrasadas e fadadas à cooptação burocrática.

Para alguns, essa mudança de direção de novas subjetividades políticas produziu efeitos muito perversos (DEAN, 2016), como o aumento do comportamento egoico e individualista junto à fragmentação das pautas dos movimentos sociais e políticos. Além do incentivo a formas de ação coletivas menos solidárias e com menor horizonte de políticas em comum.

É possível que isso também explique a participação em massa de jovens de classe média nos protestos de 2013, pois, no que se refere à discussão sobre interpretação política da realidade, as expectativas desses jovens acerca do futuro provavelmente eram maiores em comparação aos pais. E suas divergências, naquele momento, seriam porque, embora no ano de 2013 a economia estivesse estável e até em crescimento, essas dinâmicas de transformação estavam em declínio em relação aos anos anteriores, assim ameaçavam as transformações futuras e as mudanças já conquistadas (NUNES, 2022, p. 155).

Para Nunes (2022), além da faixa etária jovem de classe média e urbana participando de forma majoritária, são importantes indicativos de especificidade do período a pequena participação das massas tradicionais aos protestos, a capacidade rápida de adesão massiva aos protestos que não pôde ser controlada pelas organizações, além do déficit de democracia e participação como questão central (NUNES, 2022, p. 153).

Para Cardoso (2020), a conjuntura 2013-2016 foi mais um momento “seredípico” da ação política dessa fração da classe média conservadora brasileira. Período ímpar de constituição e afirmação de identidade de classe e frações de classe por parte de diferentes parcelas das classes médias, que têm como principal eixo organizador as práticas e os processos de construção de significado referenciados no exercício do poder de Estado.

Nesse sentido, poderíamos interpretar Junho de 2013 como mais um momento político de inovação, no modo de produção de identidades entre frações de classe, em torno da disputa de seus próprios modos existenciais articulados com lutas materiais. Vale acrescentar que tal inovação veio acompanhada do reforço do protagonismo individual com a mediação tecnológica das redes sociais. Assim, parece que 2013 revelou a hegemonia das formas de ação e participação políticas que esvaziam a solidariedade e as formas coletivas de ação.

Referências

BATESON, Gregory. **Naven: um esboço dos problemas sugeridos por um retrato compósito, realizado a partir de três perspectivas da cultura**. Tradução: Magda Lopes, São Paulo: Edusp, 2018.

BENNETT, W. Lance; SEGGERBERG, Alexandra. **The logic of connective action**. New York: Cambridge University Press, 2013.

BRINGEL, B; PLEYERS, G. **Junho de 2013... dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Nueva Sociedad, 2015.

CAETANO, Renato Duarte. **Enquadramentos na literatura sobre Junho de 2013**. Texto preparado para encontro do Projeto “Transformações do Ativismo: Junho de 2013 em perspectiva comparada”, o qual foi realizado no IESP, Rio de Janeiro, dezembro de 2017.

CARDOSO, Adalberto; PRÉTECEILLE, Edmond. **Classes médias no Brasil: estrutura, perfil, oportunidades de vida, mobilidade social e ação política**. Rio de Janeiro: FGV, 2020.

CAVALCANTE, Sávio. **Classe média, meritocracia e corrupção**. *Crítica Marxista*, n. 46, p. 103-125, 2018.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: UbuEditora, 2022.

DEAN, Jodi. **Crowds and Party**. Londres: Verso, 2016.

DELLA PORTA, Donatella. **Social Movements in times of austerity: bringing capitalism back into protest analysis**. Cambridge: Polity, 2015.

DOMINGUES, Letícia Birchal. **Junho de 2013: atores, práticas e gramáticas em Belo Horizonte**. Dissertação. UFMG, Belo Horizonte, 2019.

GIUSTI, Dominik. **Reunião discute mobilização para passeata em Belém**. G1 PA, 16 jun 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/06/reuniao-discute-mobilizacao-para-passeata-em-belem.html>. Acesso em: 10 maio 2023.

LACLAU, Ernesto. **A Razão Populista**. Rio de Janeiro: Editora Travessa, 2013.

MARQUES, Rodolfo S; CONCEIÇÃO, Bruno da S; OLIVEIRA, André S. **Desequilíbrio das informações ao cidadão: estudo de caso da relação entre jornais impressos e política no estado do Pará**. *Revista de Ciências Sociais*, v.6, nº1, p. 182-203, jan/jun 2016.

MENDONÇA, Ricardo F; FIGUEIREDO, Júlia M. **No olho do furacão: protagonismo e incerteza nas Jornadas de Junho de 2013**. *Rev. Serv. Público: Brasília* 70 (4) 735-754 out/dez de 2019.

MENDES, Luiz A. S. **Revista Espacialidades** (online), v. 14, n. 1. 2018.

NUNES, Rodrigo. **Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

PEREZ, Olívia Cristina. **Relações entre coletivos com as Jornadas de Junho**. *Opinião Pública*, Campinas, vol. 25, nº 3, set.-dez., p. 577-596, 2019.

PEREZ, Olívia Cristina. **Sistematização crítica das interpretações acadêmicas brasileiras sobre**

as Jornadas de Junho de 2013. Izquierdas (Santiago), v. 1, p. 1-16, 2021.

SOUZA, Jessé. **Os Batalhadores brasileiros. Nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Humanitas/UFMG, 2012.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho.** Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

TATAGIBA, Luciana; GALVÃO, Andreia. **Os protestos no Brasil em tempos de crise (2011-2016).** Opinião Pública, Campinas, vol. 25, nº 1, p. 63-96, 2019.

TAVARES, Francisco M. M; RORIZ, João. H. R; OLIVEIRA, Ian. C. **As jornadas de maio em Goiânia: para além de uma visão sudestecêntrica do Junho brasileiro em 2013.** Opinião Pública. 22: 140-166, 2016.

Bárbara Lou da Costa Veloso Dias

É professora no Instituto de Filosofia de Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará e pesquisadora membro da Rede Internacional de Pesquisa GENA (Grupo de Estudos sobre Neoliberalismo e Alternativas; laboratório Sophiapol, Université Paris Nanterre). É doutora em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ/IESP). –
bvdias@ufpa.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0166-7854>.

Allyne Melo

É estudante de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará. É pesquisadora de Iniciação Científica desde 2021, primeiro como bolsista PIBIC e atualmente como bolsista PIVIC. –
allyne.melo@ifch.ufpa.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6868-913X>.

Isadora Ribeiro

É estudante de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará. É Pesquisadora de Iniciação Científica desde 2021, ambos os ciclos como bolsista PIBIC. – isadora.ribeiro@ifch.ufpa.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-5766-3587?lang=en>